

Coleção Aventuras Grandiosas

Lewis Carroll

# ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodrigues

2ª edição

 EDITORA  
RIDEEL



## Capítulo 1

# A TOCA DO COELHO

Alice estava sentada ao lado da irmã, no jardim, sem fazer nada. O dia quente a fazia sentir uma preguiça enorme. De vez em quando olhava para o livro que sua irmã estava lendo, mas aquilo já começava a deixá-la aborrecida.

— Não acho a menor graça em um livro sem figuras — resmungava.

De repente, Alice viu um coelho branco de olhos cor-de-rosa passar bem na sua frente. Ela não estranhou tanto o fato de o Coelho dizer a si mesmo:

— Estou atrasado! Estou atrasado!

Mas quando ele tirou do bolso do colete um relógio e consultou as horas, ela se levantou. Nunca vira um coelho de colete e relógio antes. Muito curiosa, correu atrás dele e o viu entrar em uma grande toca embaixo da cerca. Por **IMPULSO**, Alice se abaixou e continuou a segui-lo, sem parar para pensar em como iria sair dali.

A toca parecia um túnel. Alice foi engatinhando rápido no rastro do Coelho, mas de repente sentiu o chão faltar sob suas mãos e joelhos. O túnel virara um poço e agora ela caía lentamente em um buraco escuro, como se flutuasse no ar. A pouca luz que ainda entrava pela parte de cima iluminava as paredes do poço, no qual Alice pôde ver estantes de livros e **CRISTALEIRAS** cheias de louças bem-organizadas. Conseguiu agarrar um pote escrito “GELEIA DE LARANJA”, mas ele estava vazio. Colocou-o em uma prateleira mais abaixo e continuou caindo.

— Onde será que vou parar? Quantos quilômetros já caí? Será que estou mais próxima do centro da Terra? — perguntou-se em voz alta, pois tinha o hábito de falar consigo mesma.

Lembrou-se das aulas da escola e continuou a falar:

— Talvez eu ultrapasse o centro da Terra e chegue ao outro lado. Vou precisar perguntar em que país estou. Pode ser a Nova Zelândia ou a Austrália... Se eu não encontrar ninguém, vou procurar o nome do país em alguma placa. Deve haver essa informação por escrito.

Alice continuou caindo, caindo, caindo e, como não tinha mesmo nada para fazer, voltou a falar em voz alta:

— Minha gatinha Diná vai sentir saudades de mim hoje à noite. Tomara que alguém se lembre de colocar leite morno na sua tigela. Ah, minha Diná, como eu queria que você estivesse aqui comigo...

🔗 **IMPULSO:** estímulo, instigação

🔗 **CRISTALEIRAS:** armários com portas de vidro em que se guarda louça



Um pouco entediada com a velocidade lenta da queda, ela cochilou e sonhou que passeava com Diná de mãos dadas. A gata caminhava a seu lado, de pé, equilibrando-se apenas nas patas traseiras. De repente, Alice aterrissou sobre um monte de folhas secas e despertou. A queda terminara. Percebendo que não estava nem um pouquinho machucada, pôs-se rapidamente de pé e olhou para cima. Estava tudo escuro. Viu um outro túnel à sua frente, por onde o Coelho corria, dizendo:

— Está ficando tarde, está ficando tarde!

Saiu atrás dele, mas assim que o túnel fez uma curva, o Coelho desapareceu e ela se viu sozinha dentro de uma sala comprida, com o teto baixo **REPLETO** de pequenas lâmpadas. Ao redor da sala havia portas de vários formatos, cores e tamanhos. Alice tentou abrir todas, mas elas estavam trancadas.

— Como farei para sair daqui? — perguntou-se.

Ela foi até o centro da sala, onde havia uma pequena mesa de vidro com três pernas. Alice se aproximou e viu uma chavezinha dourada sobre ela. Animada, tentou abrir as portas, mas as fechaduras eram todas muito maiores que a chave. Em um cantinho da sala notou uma cortina bem baixa, que escondia uma portinha de cerca de quarenta centímetros. Tentou usar a chave e, para sua surpresa, a porta abriu!

Alice se deitou no chão e olhou através da portinha, que dava para um corredor bem estreito. No final do corredor, havia o jardim mais lindo que a menina já vira, com flores belíssimas, pássaros e chafarizes.

— Ah, como eu queria entrar neste jardim... — suspirou.

Ficou ali deitada, observando mais um pouco o vai e vem das borboletas e sentindo o cheiro gostoso das plantas, mas percebeu que era inútil tentar entrar no pequeno túnel, nem mesmo sua cabeça passava pela entrada.

Resolveu voltar à mesinha de vidro. “Quem sabe existe um manual de instruções de como encolher para visitar o jardim?”, pensou. Dessa vez, viu uma garrafinha sobre a mesa, algo que ela tinha certeza de que não estava lá antes. Havia um rótulo escrito “BEBA-ME” preso à garrafa. Alice examinou bem o objeto para certificar-se de que não estava escrito “veneno” em nenhuma parte dela.

— Não vou sair bebendo algo só porque está escrito para eu beber — disse.

Como não achou nada que indicasse perigo, decidiu arriscar e despejar o líquido na boca. Ela gostou, tinha sabor de torta de cereja, creme de baunilha, abacaxi e torradas quentes feitas na hora.



— Opa, que sensação estranha, parece que estou encolhendo — disse, assim que terminou de engolir o conteúdo da garrafinha.

De uma hora para outra, Alice ficou com cerca de vinte e cinco centímetros. Ela pulou de alegria quando percebeu que estava do tamanho certo para cruzar o túnel que a levaria ao belo jardim, mas, quando chegou diante da porta, lembrou-se de que tinha esquecido a pequena chave sobre a mesa. O problema é que ela não alcançava mais a mesa. Tentou escalar o pé da mesa e conseguia enxergar o objeto dourado através do vidro, mas sempre escorregava e caía no chão novamente. Quando não aguentava mais tanto esforço, começou a chorar.

— Vamos, pare de chorar! Não vai adiantar nada — disse a si própria.

Alice costumava fingir ser duas pessoas e dava muitos conselhos a si mesma. Nessa hora, enxugou as lágrimas e pôs-se a olhar ao redor, em busca de alguma saída. Foi então que viu uma pequena caixa embaixo da mesa. Abriu-a e encontrou um bolinho mínimo, enfeitado com frutas secas. Havia uma etiqueta ao lado dele escrito: “COMA-ME”. A menina refletiu um pouco e concluiu:

— Se eu comer e crescer, alcanço a chave e depois bebo algumas gotas que ficaram no fundo da garrafinha para encolher de novo. Se eu beber e diminuir mais ainda, passo por debaixo da porta. Das duas formas entro no jardim!

Ela comeu um pedacinho e pôs a mão na cabeça. “Será que estou crescendo?”, pensou. Esperou um minutinho e viu que estava tudo igual. Na verdade, nada de extraordinário costuma acontecer com pessoas que comem bolo, mas, a essa altura, Alice não via mais nenhuma graça nas coisas normais e **CORRIQUEIRAS**. Por isso, tratou de engolir o bolo inteiro.

## Capítulo 2

# UMA LAGOA CHEIA DE PÁSSAROS

— Uau, que coisa estranha! — gritou Alice, à medida que crescia sem parar até atingir dois metros e meio de altura. — Quase não consigo enxergar meus pés!

Alice cresceu tanto que bateu a cabeça no teto e precisou ficar sentada no chão. Engatinhou até a mesa e agarrou a chavezinha dourada, mas quando se aproximou da portinha, o desânimo tomou conta. Tudo o que a pobre menina podia fazer era se deitar de lado e olhar o jardim com um olho só. Ela nunca conseguiria passar pelo túnel. Nessa hora, Alice recomeçou a chorar.



**CORRIQUEIRAS:** habituais, sem novidades



— Pare com isso, uma menina desse tamanho chorando! — ordenou, olhando para si própria.

Mas nada adiantou e ela continuou chorando, chorando, até que uma enorme poça de lágrimas com cerca de dez centímetros de profundidade se formou no meio da sala.

Alice escutou um ruído vindo de um canto escuro. Enxugou um pouco o rosto com a manga do vestido e olhou bem através da escuridão. Era o Coelho Branco que vinha todo elegante, com um par de luvas brancas em uma das mãos e um leque na outra.

— A Duquesa, a Duquesa! Ela vai ficar por conta com meu atraso! — resmungava o Coelho, enquanto andava apressado.

Desesperada com sua condição de “menina gigante”, Alice resolveu pedir ajuda. Com a voz trêmula e suave, ela disse:

— Senhor Coelho, por favor...

Mas o coitado tomou um susto tão grande que soltou um grito, largou as luvas e o leque e saiu correndo, sumindo na escuridão. A sala estava abafadíssima, então a menina pegou o leque e começou a se abanar.

— Meu Deus, por que tudo está tão esquisito hoje? As coisas estavam tão normais agora há pouco... Será que virei outra pessoa? Quem sou eu nesse mundo diferente? — choramingou Alice.

Ela refletiu, refletiu, pensou que talvez tivesse virado alguma de suas colegas de escola, mas isso a deixou ainda mais desesperada.

— Não quero ter os cabelos cacheados da Ana, nem quero viver em uma casa apertada e sem conforto como a da Malu. Gosto de ser eu! Será que alguém vai aparecer, colocar a cabeça lá em cima e gritar para eu sair? Ah, como seria bom alguém me chamar... Estou cansada de ficar aqui sozinha.

Logo que terminou de pronunciar essas palavras, baixou a cabeça e viu que havia vestido uma das luvas do Coelho.

— Como consegui fazer isso? Devo estar encolhendo de novo! — exclamou.

Ela percebeu que agora podia caminhar sem bater a cabeça no teto. Aproximou-se da mesa e viu que estava com cerca de sessenta centímetros e que continuava diminuindo. Logo notou que o que a fazia encolher era o leque do Coelho, à medida que ela se abanava. Jogou longe o objeto, antes que desaparecesse completamente.

— Essa foi por pouco! — suspirou, feliz por ainda estar existindo.

Correu para o jardim, agora animada por finalmente estar pequena a ponto de conseguir atravessar o pequeno túnel, mas a porta estava trancada e a chavezinha continuava em cima da mesa.



— Como pude ter devolvido a chave lá? — recriminou-se.

De repente, Alice sentiu seu pé escorregar em algo úmido e ela caiu em cheio dentro da lagoa de lágrimas salgadas que havia chorado, ficando mergulhada até o pescoço.

— Eu disse para não chorar tanto! — reclamou consigo mesma. — Agora só falta eu morrer afogada em minhas próprias lágrimas. Isso seria demais!

Ela escutou alguma coisa na água e foi nadando para ver do que se tratava. Primeiro pensou ser um hipopótamo ou leão-marinho, mas depois se lembrou de que era pequena agora e que, na verdade, era um rato que, como ela, havia escorregado e caído na lagoa. Tentou se comunicar com ele, mas o animalzinho não respondeu, preocupado em nadar. “Ele não deve falar inglês”, pensou, e resolveu tentar perguntar-lhe alguma coisa em francês. Lembrou-se de algumas lições de francês na escola e disse:

— *Où est ma chatte?* (Onde está minha gata?)

O pobre rato deu um grito de pavor e saiu nadando, desesperado.

— Perdoe-me, eu esqueci que o senhor não deve gostar de gatos! — desculpou-se Alice, prontamente.

— Odeio, odeio gatos!

Alice ia lhe falar sobre sua gatinha Diná, e explicar-lhe o quanto ela era boazinha, mas depois se lembrou de que o passatempo favorito da bichana era caçar ratos. Resolveu mudar de assunto.

— O senhor gosta de cachorros? Conheço um muito bonito perto de casa, de pelo marrom. O fazendeiro dono dele disse que é um ótimo caçador de ratos... Ai, meu Deus, desculpe mais uma vez!

Mas o Rato já nadava a toda velocidade para longe dela.

— Senhor Rato, por favor, volte. Vamos conversar de outras coisas já que o senhor não gosta de gatos nem de cães.

— Está bem, vamos até a beira da lagoa e eu lhe direi por que não gosto desses animais — disse o Rato, voltando. — Você vai entender tudo.

Alice nadou até a margem e só então se deu conta de que a lagoa estava lotada de outros animais. Um Pato, um Periquito, uma Águia filhote e outras figuras diferentes a seguiram. Formou-se uma verdadeira reunião de bichos molhados na beira da lagoa. Pássaros mal conseguiam movimentar suas asas, de tão ensopadas. Os bichos se chacoalhavam para retirar o excesso de água do corpo e todos reclamavam de estar pingando, sentindo-se desconfortáveis.

— Alguém tem alguma ideia de como vamos nos secar? — perguntou o Periquito.

Muitos deram sua opinião, mas ninguém dizia coisa com coisa. Alice tentou organizar o debate, mas estavam todos muito irritados, querendo falar ao mesmo tempo. Um Pássaro diferente, com asas coloridas, ignorou a algazarra e começou a desenhar uma pista de corrida redonda, com raias separadas para cada um.

— Vamos apostar uma corrida! — disse ele, animado.

— E como é que isso vai nos deixar secos? — perguntou o Rato, muito

**INSOLENTE.**

— Confie em mim, senhor Rato. E agora, todos em seus lugares.

Não havia início nem final na pista que o Pássaro desenhou. Todos os bichos e também Alice se colocaram nas raias e começaram a correr cada um no seu ritmo, sem pressa. Cerca de meia hora depois, já estavam todos secos e o Pássaro Colorido gritou:

— A corrida terminou!

Todos se sentaram no chão, cansados. Alguém, no entanto, ressaltou uma coisa importante:

— Quem ganhou a corrida?

Mais uma vez, houve tumulto e confusão, até que o Pássaro Colorido disse:

— Todos ganharam e precisam receber prêmios.

— E quem vai entregar os prêmios? — perguntou o Periquito.

— Ela, é claro — disse o Pássaro, indicando Alice.

Um coro de vozes animais se formou pedindo:

— Queremos prêmios, queremos prêmios!

Completamente atônita, Alice pôs a mão no bolso e retirou um saquinho de balas. “Ainda bem que não molharam com a água salgada”, pensou. Distribuiu certinho uma bala para cada participante da corrida, mas acabou ficando sem nenhuma. O Rato não se conformou:

— Ela também precisa receber um prêmio.

— Mas é claro que sim — disse o Pássaro Colorido.

— Não tenho mais balas — disse Alice, tristonha.

— Veja se tem mais alguma coisa que sirva de prêmio — disse o Pássaro.

Alice colocou a mão no bolso e retirou um **DEDAL**. Os bichos todos aprovaram o prêmio e o entregaram a Alice em uma espécie de cerimônia formal, com direito a discurso e aplausos. Depois, sentaram-se no centro da pista de corrida

☞ **INSOLENTE:** malcriado, atrevido

☞ **DEDAL:** objeto que se encaixa no dedo de uma pessoa que costura, para empurrar a agulha sem se machucar





para chupar as balas, os maiores reclamando que as balas eram pequenas demais, enquanto os menores engasgavam e precisavam receber pancadinhas nas costas para não se afogar. Quando todos terminaram de degustar seus prêmios, Alice pediu:

— Senhor Rato, conte-me sua história, aquela que ia me contar sobre ter medo de G e C — disse, evitando pronunciar as palavras ofensivas de novo.

O Rato sentiu-se importante e começou a recitar um versinho antes de começar, que falava sobre fúria e justiça. Ninguém parecia muito interessado, já que estavam todos muito cansados da corrida. Alguns começaram a cochilar, até mesmo Alice. Quando o Rato percebeu, enlouqueceu:

— Você não está prestando atenção — gritou para Alice.

A menina desculpou-se e pediu para ele continuar, mas o Rato virou as costas e sumiu na escuridão.

— Que pena ele ter ido embora... — suspirou o Pássaro Colorido.

Alice também ficou triste e sentiu uma **SÚBITA** saudade de sua gata.

— Eu queria tanto que Diná estivesse aqui... — suspirou.

— Quem é Diná? — perguntaram.

— É minha gata de estimação. Ela é muito carinhosa, sabe? E também brincalhona! Caça ratos e passarinhos como ninguém! — disse a menina, sem se dar conta da bobagem que havia dito.

Os pássaros ficaram todos muito agitados e amedrontados com aquelas palavras. Houve uma **REVOADA** geral. Alice ficou sozinha novamente e voltou a chorar, sentindo-se muito chateada. Mas, de novo, ela ouviu um ruído em um canto da sala. Animou-se na hora, torcendo para ser o Rato, que tivesse retornado para terminar de contar a história de sua vida.

### Capítulo 3

## ESTICA, ENCOLHE...

Era o Coelho que caminhava e pulava muito ansioso, dizendo:

— A Duquesa! A Duquesa vai querer me matar. Preciso encontrá-los! Onde foi que eu os derrubei?

🕒 **SÚBITA:** repentina, imprevista, inesperada

🕒 **REVOADA:** um bando de aves voando



Alice logo percebeu que ele procurava as luvas e o leque. Olhou ao redor, mas tudo ficara diferente desde que ela caíra na lagoa de lágrimas. A sala estava vazia, sem a mesa de vidro e a chavezinha dourada. Nem a portinha que dava para o jardim estava mais lá. Quando o Coelho a viu, ficou bem irritado:

— O que está fazendo aqui? Deveria estar arrumando a casa! Vá já para lá e procure as luvas e o leque.

Sem pensar duas vezes, Alice saiu caminhando na direção que o Coelho apontou. “Ele deve ter me confundido com sua empregada”, pensou, chegando à conclusão de que o Coelho devia ser um péssimo patrão, rígido demais.

— E por que será que eu o obedeci sem **PESTANEJAR**? Já pensou se, quando eu voltar para casa, Diná começar a me dar ordens?

Alice encontrou uma casinha muito bonita, com uma placa escrita “Coelho Branco” na porta. Bateu, com medo de que a verdadeira empregada estivesse lá e se assustasse com ela, mas ninguém veio atender. Resolveu entrar, então. No quarto do Coelho encontrou uma cama bem arrumada e uma pequena mesa sob a janela, onde estavam as luvas e o leque. Pegou-os e já estava de saída quando viu uma garrafinha cheia sobre a mesa. Não estava escrito “BEBA-ME” dessa vez, mas ela disse em voz alta:

— Se eu beber, sei que alguma coisa interessante vai acontecer, como sempre acontece quando bebo ou como alguma coisa por aqui. Vou arriscar — e despejou um pouco do líquido em sua boca.

Foi só um golinho, mas o suficiente para fazê-la crescer, crescer, crescer até a pobre menina ser forçada a sentar para não bater a cabeça no teto. Como o efeito da bebida não parava, ela continuou aumentando de tamanho e precisou se deitar de barriga para baixo, colocar um braço para fora da janela, outro sob o corpo e as pernas saindo pelas portas, uma pela porta da frente e a outra pela dos fundos.


— E agora, o que vou fazer? — perguntou-se Alice.

Dentro de alguns minutos, ela ouviu a voz do Coelho do lado de fora.

— O que significa isso? — perguntou, admirado.

— Pelo que vejo, uma mão e um par de sapatos, senhor Coelho — respondeu uma voz, que devia ser a da verdadeira empregada.

Em pouco tempo, juntou-se uma multidão do lado de fora. Alice ouvia vozes dando opiniões de como tirá-la de lá. Tentaram puxá-la, esticá-la, mas ela sentia

 **PESTANEJAR:** piscar, movimentar as pestanas



só cócegas. Era muito, mas muito maior do que os que estavam ali. De repente, ela escutou o Coelho dizer:

— Vamos ter de botar fogo na casa!

— Se fizerem isso, vou mandar a Diná pegar vocês — gritou Alice, desesperada.

Um silêncio se fez e a pobre menina ficou aguardando. Um tempo depois, as vozes retornaram e Alice escutou:

— Acho que um carrinho é suficiente. Vamos lá!

E uma chuva de pedras começou a ser atirada contra os pés e a mão de Alice, que não tinha como se defender nem se mexer. Foi então que ela notou que as pedras que caíam na parte de dentro da casa viravam bolinhos. “Se eu os comer, vou diminuir”, pensou, abocanhando o que estava mais perto.

E foi o que aconteceu. Ela ficou bem pequena dessa vez, com cerca de oito centímetros. Assim que parou de diminuir, abriu a porta da casa e enxergou dezenas de pássaros, porquinhos-da-Índia, caranguejos e outros animais, além do Coelho, é claro. Saiu correndo para não ser apanhada e foi parar no meio de um bosque com árvores muito altas. Quando parou de ouvir a multidão atrás dela, sentou para descansar. Seu plano era voltar ao tamanho normal e tentar achar um caminho que a levasse para o lindo jardim que vira através da portinha, mas como iria fazer isso?

De repente, ela ouviu um latido vindo de dentro do bosque. Um lindo cãozinho, todo peludo, corria na sua direção.

— Que fofó! Venha aqui, cachorrinho — chamou.

Só então se deu conta de que estava muito pequena e que o cachorrinho era bem maior que ela. Com medo de que ele a machucasse, ela pegou um **GRAVETO** e atirou longe, fazendo que o cachorro corresse na sua direção e o trouxesse de volta. Toda vez que ele se aproximava, ela jogava outro graveto, nem esperava que ele devolvesse o primeiro. Finalmente, o cãozinho cansou e deitou para descansar, com a língua de fora.

— Esta é a minha chance de escapar — disse ela baixinho, e correndo devagarzinho, sem fazer barulho, por entre as árvores.

Quando já estava a salvo, disse:

— Apesar de tudo, era um lindo cachorrinho.

Ela estava com sede e precisava encontrar um pouco de água. Pensou também que, se bebesse alguma coisa na quantidade certa, voltaria ao seu tamanho

**GRAVETO:** pedaço bem pequeno de lenha

natural. Começou a olhar dentro de flores e bromélias, mas devia estar sem chover há um bom tempo, pois estavam todas secas. Viu um cogumelo adiante e investigou a parte de baixo. Quando se afastou um pouco para ver se havia alguma **CAVIDADE** sobre o cogumelo, deu de cara com uma Lagarta Azul, de braços cruzados, que descansava preguiçosamente ali em cima. As duas ficaram se encarando um bom tempo, até que a Lagarta perguntou, com a voz arrastada de quem acabara de acordar:

— Quem é você?

— Bem... — começou Alice, meio envergonhada. — Não estou bem certa. Eu sabia muito bem quem eu era, mas agora, depois de ter mudado de tamanho tantas vezes, não sei direito quem sou.

— Não entendo.

— É que muitas coisas estranhas estão acontecendo.

— E por isso não sabe quem é?

— Veja, dona Lagarta Azul, eu não sei como explicar. Talvez a senhora nunca tenha sofrido mudanças, mas certamente saberá do que estou falando quando tiver de se transformar em borboleta, não acha?

— Não.

— Pode ser que a senhora sinta de outra forma, mas, para mim, tudo é muito esquisito.

— Para você? Quem é você? — insistiu a Lagarta.

Alice irritou-se com a Lagarta e já estava indo embora, quando ela a chamou:

— Ei, não vá. Vamos conversar.

— Sobre o quê? — perguntou a menina.

— De que tamanho gostaria de ficar?

— Eu não me importo muito com isso, só não gostaria de ficar mudando de tamanho a toda hora, sabe?

— Não sei — respondeu a Lagarta.

— Bem, na verdade eu gostaria de ser um pouco mais alta. Oito centímetros é muito pouco...

— É um ótimo tamanho — disse a Lagarta, finalmente se levantando e descendo do cogumelo para mostrar que tinha exatos oito centímetros.

— Não se ofenda, é que não estou acostumada a ser tão pequena — disse Alice.

A Lagarta se arrastou lentamente pela grama e foi se afastando. Antes, porém, disse para a menina:

 **CAVIDADE:** buraco





— O cogumelo.

— O que tem o cogumelo?

— Um lado faz crescer, o outro faz diminuir.

Alice observou o cogumelo. Ele era tão redondo que ficava difícil saber que lado fazia crescer e que lado fazia diminuir. Decidiu, então, abraçar o cogumelo esticando os braços o máximo possível ao redor dele e conseguiu tirar um pedacinho de cada lado.

Deu uma mordidinha em um dos pedaços e imediatamente levou um susto. Sua cabeça foi parar bem junto dos pés. Com muito esforço, conseguiu levar um pedacinho do outro lado à boca, pois estava praticamente desaparecendo e os braços estavam esmagados entre a cabeça e os pés.

— Ufa! Que sufoco! — disse Alice.

Mas, em seguida, seu pescoço esticou tanto, tanto, que ela não conseguia mais ver os próprios ombros. Tudo o que conseguia enxergar era o céu azul e as copas das árvores do bosque que batiam em seu queixo. Uma pomba passou voando e, quando a viu, gritou:

— Aaaaai, uma cobra!

— Acalme-se, eu não sou uma cobra! — disse Alice.

— As cobras me perseguem. Não importa onde eu esconda meus ovos, elas sempre os encontram. Eu pensei que vocês não subissem em árvores tão altas.

— Já disse que não sou cobra.

— É o que, então?

— Sou... sou uma menina — disse Alice, confusa.

— E meninas comem ovos?

— Algumas sim, as que gostam de ovos, mas só se estiverem cozidos ou fritos.

— Suma, suma daqui! — gritou a Pomba, desesperada com medo de que seus filhotes dentro dos ovos fossem fritos em óleo quente ou cozidos em água fervendo.

Alice caminhou com dificuldade por entre as árvores e se afastou do ninho da Pomba, que ela guardava com tanto cuidado. Resolveu então comer um pedacinho do lado do cogumelo que fazia diminuir e depois um pedacinho do que fazia crescer. Usou essa técnica até chegar a seu tamanho natural. Ficou feliz da vida por ter conseguido realizar a primeira parte de seu plano.

— Agora preciso achar uma forma de chegar àquele lindo jardim. Mas como vou fazer isso? — pensou, enquanto caminhava pelo bosque.

De repente, viu uma casinha de mais ou menos um metro de altura. Tinha um jardimzinho na frente e cortinas rendadas nas janelas.

— Não posso bater na porta do tamanho em que estou. Eu iria assustar quem mora aí — disse baixinho.

Então resolveu mordiscar um pedacinho do cogumelo até chegar a ter vinte centímetros.

## Capítulo 4

# SOMOS TODOS LOUCOS...

Ficou observando a casinha de longe e viu um Mordomo-Peixe se aproximar. Isso mesmo, um Mordomo-Peixe, pois ele tinha cara de peixe, mas estava vestido com um uniforme muito elegante, parecendo ser mordomo de alguém importante. Ele bateu na porta e outro mordomo, também impecavelmente vestido, só que desta vez com a cara redonda de uma rã, veio abrir. Os dois se cumprimentaram com uma reverência, fazendo as perucas brancas que usavam se engancharem. Isso fez Alice rir tanto, que correu a se esconder no bosque, para que não ouvissem. Quando voltou, os dois já tinham conseguido se soltar e o Mordomo-Peixe entregou ao Mordomo-Rã uma carta enorme, do tamanho dele.

— É da Rainha. Um convite para a Duquesa ir jogar **TOQUE-EMBOQUE** no palácio.

O Mordomo-Rã repetiu a frase do Mordomo-Peixe e os dois se despediram da mesma forma que se cumprimentaram, emaranhando suas perucas. Depois o Mordomo-Peixe foi embora e o Mordomo-Rã ficou parado na porta. Alice se aproximou e bateu na porta.

— Por que bateu, se estou do mesmo lado que você? — perguntou o Mordomo-Rã.

— Gostaria de saber como faço para entrar aí — disse Alice.

O Mordomo não prestou atenção e continuou reclamando:

— Não tem sentido bater se estamos do mesmo lado — e ficou olhando para o céu, sem se importar com a menina.

— Como faço para entrar na casa? — insistiu ela.

— Eu vou ficar aqui até amanhã. Há muito barulho lá dentro.

🎮 **TOQUE-EMBOQUE:** croqué, um jogo com bolas de madeira, impulsionadas por um taco, que devem passar sob arcos





De fato, havia uma zoeira vindo da casa: choros, espirros e coisas se quebrando. Uma tigela de barro saiu pela janela e foi atingir o nariz do Mordomo. Ele verificou que estava bem e disse:

— Vou ficar aqui até depois de amanhã.

— Entendo, mas será que o senhor pode me dizer como faço para entrar?

— perguntou Alice, já irritada.

Como ele não respondeu e continuou olhando para o céu, ela empurrou a porta e entrou por conta própria. A entrada levava direto para uma cozinha esfumaçada. A Duquesa estava sentada sobre um banquinho de três pernas carregando seu bebê, embrulhado em um cobertorzinho. Uma cozinheira mexia um panelão de sopa, que devia ter muita pimenta, fazendo todos espirrar, até Alice. Em um canto havia um Gato, que sorria de orelha a orelha. Alice, meio sem jeito, perguntou à Duquesa:

— Por que seu gato ri?

— É um gato inglês — respondeu a Duquesa.

— Eu não sabia que gatos ingleses sorriam — disse a menina.

Nessa hora, a Cozinheira apanhou vários objetos da cozinha, como panelas, frigideiras, colheres e tigelas, e começou a jogá-los contra a Duquesa, que parecia não se incomodar. Ela desviava dos objetos e continuava a conversar. Depois apanhava-os do chão e atirava-os de volta na cozinheira.

— Todos os gatos sorriem — disse ela.

Alice ficou espantadíssima com a cena e preocupada com o bebê, que chorava sem parar. A Duquesa, em meio ao ataque da cozinheira, levantou-se e entregou o bebê a Alice, dizendo:

— Cuide dele enquanto me arrumo para ir jogar toque-emboque com a Rainha no palácio.

Alice achou melhor tirá-lo dali antes que ele se ferisse. Abriu a porta da casinha e correu com o bebê, enrolado no cobertor, pelo meio do bosque. Só então percebeu que não se tratava de uma criança, mas de uma Estrela-do-Mar. Era difícil segurá-la no colo, pois ela se mexia sem parar. Ajeitou-a nos seus braços da melhor maneira possível e saiu caminhando.

— O que farei com este Bebê-Estrela quando voltar para casa? Mas eu não podia deixá-lo lá, em meio àquela violência toda. Ele podia até morrer.

Ouvindo isso, o Bebê-Estrela soltou um **GRUNHIDO**. Alice achou estranho e abriu o cobertor, constatando que a Estrela havia se transformado em um

☞ **GRUNHIDO**: voz do porco ou do javali

Porquinho. Ele saltou rapidamente do seu colo e se **EMBRENHOU** no bosque, correndo entre as árvores.

— Era um lindo Porquinho — disse Alice, sentando-se em um tronco caído, pensativa.

De repente, ela viu o Gato Inglês, sempre muito sorridente, olhando para ela do alto de uma árvore. Com receio de que ele usasse suas garras afiadas, ela resolveu ser simpática:

— Olá, senhor Gatinho Inglês!

Ele sorriu ainda mais e ela se sentiu mais à vontade.

— Você sabe como faço para sair daqui? — perguntou ela.

— Isso depende. Para onde quer ir? — disse o Gato.

— Para qualquer lugar onde eu não me sinta perdida.

— Tanto faz o lugar?

— Tanto faz.

— Naquela direção mora o Chapeleiro. Naquela outra, você encontra a casa da Lebre Maluca.

— Acho que irei procurar o Chapeleiro, não gosto de gente maluca.

— Ah, isso não importa. Os dois são loucos, assim como todos os que estão aqui, até você e eu.

— Como sabe que sou louca?

— Se não fosse, não estaria aqui.

— E por que diz que você é louco?

— Ao contrário dos cães, eu rosno quando estou feliz e abano o rabo quando estou bravo.

— Você quer dizer que ronrona, não rosna.

— Chame como quiser — disse o Gato, desaparecendo subitamente.

Alice resolveu ir na direção da Lebre Maluca. Ela conhecia muitos Chapeleiros, então a Lebre pareceu mais interessante. E já que eram todos loucos mesmo... De repente, o Gato apareceu de novo, bem na sua frente, e perguntou:

— O que houve com o Bebê?

— Virou um porco — disse Alice, recuperando o fôlego.

— Foi o que eu pensei — disse o Gato, sumindo de novo.

Alice voltou a caminhar, mas levou outro susto ao ver o Gato, de novo, na sua frente.

— Você disse porco ou potro? — perguntou ele.

 **EMBRENHOU:** escondeu-se no mato





— Porco, mas, por favor, não fique aparecendo e desaparecendo de repente.

— Você é quem manda — disse o Gato, desaparecendo lentamente, parte por parte, primeiro o meio do rabo, depois o corpo, a ponta do rabo e, por último, o sorriso.

Não levou muito tempo até Alice encontrar uma casa com duas chaminés em forma de orelhas compridas e o telhado coberto de pelo branquinho. Como a casa era grande, ela mordiscou um pedacinho do cogumelo até chegar aos oitenta centímetros e depois se aproximou, pensando se não teria sido melhor ter ido à casa do Chapeleiro.

## Capítulo 5

# UM CHÁ MUITO LOUCO

Alice deu uma volta ao redor da casa e viu que a Lebre e o Chapeleiro tomavam chá em uma mesa ao ar livre, no jardim. Ela entrou no terreno por um portãozinho lateral e disse:

— Boa tarde.

A mesa era enorme, posta para várias pessoas, mas apenas os dois faziam a refeição, encostados em uma **MARMOTA**, que dormia e não parecia se importar em ser esmagada. A Lebre foi logo dizendo:

— Não tem mais lugar, não tem mais lugar.

Alice sentou no outro canto da mesa e disse:

— Há muitos lugares sim.

— Aceita um pouco de vinho? — perguntou a Lebre.

A menina viu que só havia leite, chá e café, por isso respondeu:

— Foi muito mal-educado da sua parte me oferecer algo que não pode servir.

— Mais mal-educado ainda é sentar-se à mesa de alguém sem ser convidado

— **REVIDOU** a Lebre.

— Eu não sabia que a mesa era só sua. Além do mais, há tantos lugares...

O Chapeleiro não parava de olhar para seu relógio de bolso, que parecia não funcionar. Alice perguntou:

— O relógio está quebrado?

🕒 **MARMOTA**: pequeno roedor de quatro patas

🗨️ **REVIDOU**: respondeu, replicou, contestou

— Mais ou menos isso — disse o Chapeleiro.

— Está ou não está? — insistiu a menina.

— É que eu briguei com o Tempo.

— Como assim?

— O Tempo é uma pessoa, você não sabia?

— Não. Mas diga, por que você brigou com o Tempo?

— Foi no ano passado, bem na época em que ela ficou louca — começou, apontando para a Lebre, que mexia o chá com uma colher. — A Rainha organizou uma festa e eu deveria recitar alguns versos.

— Sei, e o que houve? — perguntou Alice.

— Eu me atrapalhei, demorei um pouco para lembrar os versos. Então a Rainha começou a gritar: “Ele está matando o Tempo!” Eu jurei que não era verdade, mas o Tempo não acreditou e brigou comigo.

— Como assim, brigou?

— Ele não funciona mais como antes. Agora são sempre seis horas.

— Ah! Entendi, é sempre hora do chá — disse Alice.

— Não temos nem o intervalo para lavar a louça entre um chá e outro — disse a Lebre.

— Por isso há tantas xícaras e pratos sobre a mesa?

— Sim. Quando não queremos mais usar a louça suja, mudamos de lugar — disse o Chapeleiro, sugerindo que fizessem a troca.

Cada um sentou na cadeira da sua direita, até a Marmota, meio sonolenta, que continuava servindo de encosto para a Lebre e o Chapeleiro. A Lebre, mais simpática, ofereceu à menina:

— Sirva-se de um pedacinho de pão com manteiga.

Alice pegou o pão e colocou um pouco de chá em sua xícara. Teve medo de comer e beber, mas o fez por educação. Por sorte, nada aconteceu, ela não cresceu nem diminuiu. Enquanto Alice desfrutava da primeira refeição de verdade desde que chegara àquele lugar, digamos, curioso, a Lebre e o Chapeleiro começaram a implicar com a Marmota, cutucá-la, jogar chá quente na sua cara, tentar despertá-la a qualquer custo.

— Não machuquem a coitada — disse Alice, mas eles pareciam não escutar.

Alice decidiu ir embora dali. Ela achava que devia ajudar a Marmota, mas não queria correr o risco de sofrer agressões. Saiu pelo mesmo portãozinho que entrou e voltou para o bosque, sem se despedir.





Caminhava pensativa quando deu de cara com uma porta no tronco de uma árvore. Abriu a porta, atravessou um corredor e foi parar naquela conhecida sala baixa com a mesinha de vidro de três pernas.

— Agora sim sei o que fazer! — disse a si mesma.

Alice pegou a chavezinha dourada sobre a mesa, abriu a portinha que levava ao jardim, devolveu a chave sobre a mesa e, em seguida, mordiscou o cogumelo que a fez diminuir até conseguir passar pelo túnel. Com cerca de trinta centímetros de altura, ela conseguiu, finalmente, desfrutar dos canteiros de flores de todas as cores e dos chafarizes que jorravam água limpinha e fresca.

## Capítulo 6

# ENTRE OURIÇOS E FLAMINGOS

Logo na entrada do jardim havia uma grande roseira. Três jardineiros pintavam as rosas de vermelho. Alice achou aquilo muito esquisito. Eles usavam bonés para se proteger do sol e tinham nas mãos luvas tipicamente usadas por jardineiros, mas na verdade pareciam fazer parte de um baralho. Tinham o corpo retangular, fino como uma carta, e cada um deles tinha um número e um símbolo do baralho. Eram o Dois, o Cinco e o Sete de paus. Quando viram Alice, fizeram uma reverência.

— Por que estão pintando as rosas de vermelho? — perguntou a menina.

— Veja, senhorita, plantamos uma roseira branca onde deveríamos ter plantado uma roseira vermelha. Precisamos reparar o erro ou a Rainha... nos mata! — disse o Sete.

— Nossa, ela deve ser muito cruel... — disse Alice.

— Aí vem ela! A Rainha! — gritou o Cinco, deitando-se no chão com as mãos no rosto, gesto que foi imitado pelo Dois e pelo Sete.

— Tomara que ela esteja de bom humor — disse o Dois.

Uma comitiva entrou no jardim, ao som de uma marcha constante. Primeiro vinham dez soldados do naipe de paus, todos em formato de carta de baralho, com os pés e as mãos saindo das laterais. Depois os membros da Corte, exibindo losangos vermelhos do naipe de ouros. Os dez filhos do Rei e da Rainha vinham atrás, pulando e dançando com seus corações de copas. Em seguida vinham muitos convidados dos **SOBERANOS**, incluindo o Coelho Branco, que passou agitado,



**SOBERANOS:** monarcas, poderosos

sem ver Alice. Por fim, vinha o Valete de copas, que segurava a coroa do Rei e, fechando a comitiva, o Rei e a Rainha de Copas.

Alice ficou na dúvida se deveria se deitar no chão como os jardineiros, mas depois pensou que não havia graça em assistir a um desfile de rosto tampado. Olhou tudo com o máximo de interesse. Quando o Rei e a Rainha passaram por ela, mandaram a comitiva parar.

— Quem é você? — perguntou a Rainha.

— Sou Alice, majestade, a seu dispor.

— E quem são esses aí? — perguntou, apontando para os jardineiros deitados no chão.

O Dois se levantou devagar e tentou explicar:

— Majestade, nós estávamos tentando deixar a roseira branca mais bonita e...

— Já entendi! Plantaram a roseira errada — gritou a Rainha. — Soldados, cortem as cabeças deles! E quanto a você, menina, venha jogar toque-emboque conosco — ordenou, voltando a andar.

Alice protegeu os jardineiros rapidamente, colocando-os dentro de um balde. Os soldados deram uma busca pelos arredores atrás deles, mas, como não encontraram nenhum, retornaram à comitiva.

— Já cortaram as cabeças daqueles incompetentes? — perguntou a Rainha.

— Sim, majestade, eles estão sem cabeça — respondeu um deles.

— Muito bom! Agora vamos todos jogar toque-emboque.

Alice juntou-se aos convidados do Rei e da Rainha e se aproximou do Coelho Branco.

— Tudo bem? — perguntou. — Onde está a Duquesa?

— Psiu! Fale baixo! Ela foi condenada à morte — respondeu o Coelho.

— Por quê? — disse Alice.


— Ela chegou atrasada e a Rainha...

Ele nem teve tempo de completar a frase. Um apito soou e a Rainha anunciou:

— Todos em seus lugares! O jogo vai começar!

Houve uma correria geral até que os lugares fossem ocupados, mas não demorou muito e o jogo teve início. Alice nunca tinha visto coisa igual. Os tacos eram na verdade flamingos e as bolas ouriços, todos vivos, enquanto os arcos por onde os ouriços deveriam passar eram feitos por soldados, que davam uma volta com o corpo para trás, apoiando pés e mãos no chão. Pareciam **CONTORCIONISTAS**.

Era muito difícil jogar, pois os flamingos se encolhiam ao ver os ouriços, que, por sua vez, conseguiam fugir, rolando para longe, com medo de receber uma

 **CONTORCIONISTAS:** atletas que fazem torções com o corpo





bicada do **PRETENSO** taco. Como ninguém conseguia dar uma tacada, a confusão foi se formando. Os convidados não respeitavam mais a própria vez e disputavam os ouriços a tapa. A Rainha se enfureceu e ordenou:

— Cortem as cabeças de todos!

Mas os soldados estavam servindo de arcos e não puderam cumprir a ordem. De repente, Alice viu um sorriso bem perto de sua cara. Era o Gato Inglês.

— Que bom que você chegou. Agora posso conversar com alguém. Este jogo é uma verdadeira loucura!

— E da Rainha, você gosta? — perguntou o Gato.

— De jeito nenhum, ela é muito...

Nessa hora, Alice percebeu a aproximação da soberana e teve de mudar o que ia dizer.

— ...habilidosa. Joga toque-emboque como ninguém — deixando a Rainha satisfeita e sorridente.

— Com quem você está falando? — perguntou o Rei, que havia se aproximado.

— Com o Gato Inglês. Ele é meu amigo — disse a menina.

O Rei ofereceu sua mão para o Gato beijar, mas ele se recusou. Então o jogo foi interrompido e criou-se uma verdadeira polêmica. A Rainha queria que cortassem a cabeça dele, mas os soldados não queriam fazê-lo, pois nunca haviam cortado a cabeça de alguém que não tivesse corpo de onde ela pudesse ser arrancada. Alice deu uma ideia:

— O gato é da Duquesa. Falem com ela antes de tomar qualquer decisão.

— A Duquesa está presa. Tragam-na até aqui! — ordenou a Rainha.

Enquanto esperavam, o Gato Inglês começou a sumir. Primeiro os bigodes, depois o focinho, os olhos, as orelhas, por último, como sempre, o sorriso. O Rei e um dos soldados trataram de procurá-lo feito loucos, enquanto o resto do grupo voltou ao jogo de toque-emboque.

## Capítulo 7

# HISTÓRIAS DO FUNDO DO MAR

A Duquesa ficou muito feliz em rever Alice. Abraçou-a e beijou-a exageradamente, tomando-a pelo braço enquanto caminhavam pelo jardim.

 **PRETENSO:** suposto, que se supõe

— Minha querida, que alegria vê-la por aqui — disse ela à menina.

Alice achou que ela devia ser meio louca, afinal, pouco tempo atrás estava trocando paneladas com a cozinheira, mas depois chegou à conclusão de que o que a deixara violenta tinha sido o excesso de pimenta naquela cozinha. “Quando eu for Duquesa, não vou querer que coloquem pimenta na sopa. Pimenta deixa as pessoas muito esquentadas”, pensou Alice.

Mas, assim que a Rainha se aproximou, a Duquesa pareceu perder totalmente o jeito à vontade que estava. Tremia da cabeça aos pés e apertava o braço de Alice, em um gesto de desespero.

— Escute bem o que vou lhe dizer: ou você some daqui ou sua cabeça é que vai sumir. A escolha é sua! — disse a Rainha para a Duquesa, que desapareceu rapidinho.

Assim que não havia mais rastro da Duquesa, a Rainha disse:

— E quanto a você, menina, vamos voltar ao jogo.

Mas o jogo havia terminado, uma vez que todos os participantes estavam condenados à morte pela Rainha. Os soldados também não estavam mais em suas posições de arcos, pois tinham de cumprir as **SENTENÇAS**. Só tinham sobrado o Rei, a Rainha e Alice.

— Você conhece a Falsa Tartaruga? — perguntou a Rainha a Alice.

— Não, Majestade.

— Então vou levá-la até lá. Ela irá lhe contar sua história.

No caminho, ela ouviu o Rei dizer baixinho às pessoas que esperavam pacientemente a hora de terem suas cabeças cortadas:

— Vocês estão todos perdoados.

Alice ficou muito satisfeita ao ouvir isso. Era ótimo saber que o Rei não era uma criatura cruel como sua esposa. Os três caminharam até um **GRIFO**, que dormia sob uma árvore.

— Acorde, seu preguiçoso! — ordenou a Rainha.

O animal esticou os braços e as pernas e colocou-se à disposição da soberana, que lhe deu outra ordem:

— Leve esta jovem até a Falsa Tartaruga. Preciso ver como andam as **EXECUÇÕES** que determinei.

☞ **SENTENÇAS**: veredictos, julgamentos feitos pelo juiz

☞ **GRIFO**: animal que tem cabeça, asas de águia, corpo e garras de leão

☞ **EXECUÇÕES**: cumprimento de penas de morte





Alice teve um pouco de medo de ficar sozinha com uma criatura daquelas, mas chegou à conclusão de que o Grifo devia ser menos perigoso do que a Rainha. Assim que o Rei e a Rainha se afastaram, ele começou a rir e disse:

— Que engraçado!

— O que é engraçado? — perguntou Alice.

— Esses dois. Ela vive dizendo que vai executar todo mundo, mas no fundo eles não matam ninguém.

Alice sorriu e ele disse:

— Vamos, vou te levar até a Falsa Tartaruga.

Logo a viram, sentada no meio do caminho, com um jeito muito triste.

— Por que ela é assim tão triste? — perguntou Alice ao Grifo.

— É tudo fantasia dela. No fundo, ela não é tão infeliz quanto pensa que é.

Alice ficou um pouco confusa, mas achou melhor se calar. Os dois se aproximaram e o Grifo disse:

— Olá, esta jovem quer conhecer sua história.

— Muito bem, sentem-se os dois e prestem atenção. Só falem depois que eu acabar — disse a Tartaruga.

A Tartaruga demorou um tempão para se lembrar do início, depois começou a falar muito devagar. Alice pensou que ia dormir, mas tentou se manter alerta para não ofender.

— Muito tempo atrás, eu costumava ir à escola no mar — disse, finalmente, a Falsa Tartaruga, enxugando uma lágrima que escorria no seu rostinho delicado.

— Eu também vou à escola! — animou-se Alice.

A Tartaruga e o Grifo se olharam, espantados.

— Mas aposto que minha escola era melhor! — disse a Tartaruga, já mais animada.

— Vocês tinham aula de francês e de música? — perguntou a menina.

— De francês, de música e de natação **ACROBÁTICA!** — disse a Tartaruga, com ar de superioridade.


— É, natação acrobática nós não aprendemos — disse Alice.

— Não disse que minha escola era melhor? — falou a Tartaruga, satisfeita.

— E do que vocês brincavam no recreio? — perguntou Alice.

— Ah! Da Dança das Lagostas!

— Nunca ouvi falar da Dança das Lagostas — disse a menina.

 **ACROBÁTICA:** relativo a acrobacia, movimentos do corpo com muita habilidade e agilidade

— De onde você veio, hein? Parece que não é deste mundo — disse a Tartaruga.  
— Nunca teve aula de natação acrobática e não conhece a Dança das Lagostas!

Alice ia dizer que não era do fundo do mar, mas achou melhor se calar. Ia ser muito complicado explicar tudo o que acontecera desde que ela entrara na toca do Coelho Branco. A Tartaruga, por sua vez, esqueceu a tristeza e começou uma demonstração, junto com o Grifo, do que era a Dança das Lagostas. Os dois pulavam, apesar das perninhas curtas da Tartaruga, e faziam pequenas rodas em torno de si mesmos, ao mesmo tempo em que cantavam uma música sobre golfinhos, caranguejos, pescadas brancas, lulas e polvos gigantes.

— Então, gostou? — perguntou o Grifo.

— Muito — disse Alice, na verdade aliviada porque a longa demonstração chegara ao fim.

— E você, não quer nos contar um pouco de sua história? — perguntou a Tartaruga.

— Eu poderia falar sobre a minha vida até ontem, pois hoje tudo mudou desde que...

Nessa hora, ouviu-se uma voz gritando a plenos pulmões:

— O julgamento! O julgamento!

— Vamos, vamos depressa! — disse o Grifo, puxando Alice pela mão e dando uma carona para a Tartaruga nas suas costas, junto das asas, pois a Tartaruga nunca chegaria a tempo se tivesse de ir caminhando.

— Julgamento de quem? — perguntou Alice.

— Precisamos ir — respondeu o Grifo, correndo feito louco e deixando Alice quase sem ar na tentativa de acompanhá-lo.

## Capítulo 8

# O JULGAMENTO

Quando chegaram, Alice viu formado um **TRIBUNAL** muito **PECULIAR**. Ela nunca tinha assistido a um julgamento antes, mas aprendera sobre justiça na escola e sabia o nome de quase tudo o que estava ali.

🔗 **TRIBUNAL**: lugar onde ocorre um julgamento

🔗 **PECULIAR**: particular, diferente dos outros





— Aquele é o juiz — disse Alice, baixinho. — Sei disso porque ele está usando uma peruca branca.

Na verdade, o juiz era o Rei. Ao lado dele havia o júri, formado por diversos tipos de animais: esquilos, pássaros, porquinhos... Todos tinham pequenas lousas nas mãos e escreviam freneticamente com pedaços de giz.

— Por que estão escrevendo antes de o julgamento começar? — perguntou Alice ao Grifo.

— Estão escrevendo seus nomes. Eles têm medo de ficar tão atordoados durante o julgamento a ponto de esquecer os próprios nomes — explicou o Grifo.

“Que maluquice!”, pensou Alice. De repente, o Rei disse:

— Peço que o **ARAUTO** leia a acusação!

Para a surpresa de Alice, o arauto era o Coelho Branco, que tocou uma trombeta três vezes, desenrolou um papel bem comprido, quase da altura dele, e leu:

*Quem roubou as tortas da Rainha, feitas com tanto **ESMERO**?*

*Foi o Valete de Copas, comilão que merece o **DESTERRO**.*

— Que o júri dê o **VEREDICTO**! — ordenou o Rei.

— Ainda não! Há muitas testemunhas para serem ouvidas — disse o Coelho.

— Está bem, que venha a primeira testemunha — disse o Rei.

Era o Chapeleiro, que entrou acompanhado da Lebre Maluca e da Marmota, ainda sonolenta. Ele subiu no banco das testemunhas com uma xícara de chá na mão direita e um pedaço de pão com manteiga na esquerda.

— Desculpe-me, Majestade, eu não havia terminado o chá quando fui chamado — disse o Chapeleiro.

— Pois devia ter terminado. Quando foi que começou? — perguntou o Rei.

O Chapeleiro olhou para a Lebre e a Marmota sentadas na plateia e disse:

— Acho que catorze de março.

— Quinze — disse a Lebre.

— Dezesesseis — disse a Marmota.

— Esse depoimento está muito confuso! — disse o Rei, levantando a voz.

— Ou o senhor diz o que sabe ou teremos de mandar cortar sua cabeça!

O Chapeleiro começou a tremer da cabeça aos pés e pedir:

— Por favor, Majestade, não faça nada comigo. Sou um pobre coitado.

☞ **ARAUTO**: mensageiro

☞ **ESMERO**: cuidado

☞ **DESTERRO**: degredo, ato de desterrar alguém

☞ **VEREDICTO**: decisão do juiz

— Pobre coitado? Que eu saiba o senhor é um vendedor de chapéus. Isso está cada vez mais estranho. Vamos, diga o que sabe! — ordenou o Rei.

O Chapeleiro ajoelhou no chão e implorou:

— Eu lhe peço, Majestade, deixe-me terminar meu chá. Não faça nada comigo — disse o Chapeleiro, mordendo um pedaço da xícara em vez do pão, de tão nervoso que estava.

Nessa hora, uma coisa muito estranha aconteceu com Alice. Ela começou a crescer. Cresceu tanto que esmagou a Marmota, sentada ao seu lado.

— Vá para o outro lado — reclamou a Marmota, fazendo Alice se levantar e ir assistir ao julgamento de pé, na entrada da sala do tribunal. O Rei, cheio de ouvir lamentações, disse ao Chapeleiro:

— Suma daqui! Você não diz coisa com coisa.

O Chapeleiro saiu apressado, engolindo o pão com manteiga e puxando a Lebre pelo braço.

— E cortem a cabeça dele lá fora! — disse o Rei, mas o soldado não encontrou o Chapeleiro do lado de fora e voltou para a sala do tribunal sem cumprir sua tarefa.

— Chamem a próxima testemunha — pediu o Rei.

Todos no tribunal começaram a espirrar e a esfregar os olhos quando a porta se abriu. Alice logo **DEDUZIU** de que a testemunha devia ser alguém que mexesse com pimenta. Dito e feito: a testemunha era a cozinheira da Duquesa.

— Muito bem, vamos dar início ao depoimento — disse o Rei.

— Não vou falar nada — disse a cozinheira, com jeito muito sério.

O Rei olhou preocupado para o Coelho, que lhe disse:

— O senhor precisa interrogá-la, Majestade.

Isso deu coragem ao Rei, que encarou o olhar desafiador da cozinheira e perguntou:

— Do que foram feitas as tortas?

— De pimenta — respondeu ela, secamente.

— Foram feitas de açúcar — disse a Marmota, bocejando.

— O que essa Marmota ainda faz aqui? Tirem-na do tribunal, arranquem seus bigodes, prendam-na, amarrem-na! — gritou a Rainha, tendo um ataque de nervos.

A confusão foi tão grande que, quando conseguiram finalmente expulsar a Marmota da sala, a cozinheira havia fugido. Todos aguardavam o Coelho Branco

 **DEDUZIU:** tirou conclusões





anunciar a próxima testemunha. E qual não foi a surpresa geral quando ele disse, depois de ter tocado mais três vezes a trombeta:

— Chamo para **DEPOR** a senhorita Alice!

Atordoadada pela emoção do momento, Alice nem se lembrou de como tinha crescido. Levantou-se de repente, dizendo:

— Presente!

Só que ela acabou tropeçando na banca do júri, derrubando todos os jurados em cima da plateia. Lembrando-se de que, dias antes, havia derrubado seu aquário, Alice teve medo de que, se não recolhesse todos os animaizinhos bem depressa, eles poderiam morrer sem conseguir respirar. Por isso, da maneira como tinha feito com os peixinhos em sua casa, Alice recolheu todos bem rápido, colocando cada um em seu lugar. Muito nervosos, os bichinhos recuperaram suas lousas e aguardaram as ordens do Rei.

— O julgamento não pode continuar enquanto todos os jurados não estiverem em seu devido lugar — disse o Rei, muito bravo, olhando para Alice.

Alice reparou que o Lagarto estava de cabeça para baixo, chacoalhando o rabo desesperadamente. Ela foi lá e o colocou sentado. O pobre do Lagarto estava em pânico, mas sentou e pegou sua lousinha, respeitando as ordens do reinício do julgamento. Alice, de pé no centro da sala, pois não cabia na cadeira das testemunhas, começou a ser interrogada.

— O que você sabe sobre essa questão do roubo das tortas? — perguntou o Rei.

— Nada — disse Alice.

— Nadinha? — insistiu o Rei.

— Nada, nada, nada — acrescentou ela.

— Anotem isso! — ordenou o Rei aos jurados.

Muito confusos, alguns anotavam a palavra “nadinha”, outros escreviam várias vezes a palavra “nada”. O Rei também escreveu várias coisas na sua caderneta. De repente, ele mandou todos fazerem silêncio e disse, olhando para Alice:

— Regra quarenta e dois do regulamento: todos os presentes mais altos do que um quilômetro devem sair da sala do tribunal!

— Eu não sou mais alta do que um quilômetro — disse Alice.

— É sim, você tem quase dois quilômetros de altura! — falou a Rainha.

— Eu não vou sair coisa nenhuma! — insistiu Alice. — Essa regra acabou de ser inventada!

 **DEPOR:** prestar depoimento em um tribunal

— Essa regra é a mais antiga do regulamento — afirmou o Rei.

— Neste caso, ela deveria ser a de número um — revidou Alice.

O Rei ficou pálido e voltou a rabiscar em sua caderneta. Depois olhou para o Valete e para o júri, dizendo em seguida:

— Vamos logo. Deem a **PENA** deste senhor.

— Nunca vi aplicar a pena antes de definir a sentença. Os jurados ainda não disseram que o Valete é culpado — disse Alice, arrancando um sorriso do **RÉU**.

— Já chega! Cortem a cabeça dela! — disse a Rainha aos soldados. — Esta menina é uma insolente!

A essa altura, Alice já tinha voltado ao seu tamanho normal, mas nem por isso ficou intimidada com as ameaças da Rainha. Encheu o peito de ar e disse:

— Vocês são um monte de cartas de baralho. Quem é que vai ter medo de vocês?

Ao sinal da Rainha, todo o exército de cartas se jogou em cima de Alice, beliscando, mordendo e dando tapas. Ela gritou, assustada, mas lutou contra as cartas. De repente, se viu deitada na grama verde, com a cabeça apoiada no colo da irmã. Algumas folhas secas tinham voado em seu rosto e a irmã tentava afastá-las.

— Nossa, eu estou aqui! — disse Alice.

— É claro que está, minha querida. Como você dormiu... — disse a irmã.

— E tive um sonho incrível! — disse Alice, contando todas as aventuras de que tentava se lembrar para a irmã.

Alice e a irmã caminharam para dentro da casa em silêncio. Alice lembrando das deliciosas aventuras que tinha sonhado e a irmã torcendo para que a pequena Alice conseguisse manter a inocência daquelas aventuras no seu coração quando se tornasse adulta. Ela sabia que o País das Maravilhas era algo muito distante da realidade, mas desejava que as histórias fantásticas da mente da irmã a ajudassem a ter sempre o coração puro e os pensamentos criativos, pois só pessoas muito especiais têm sonhos incríveis como o de Alice.

📖 **PENA:** castigo, punição

📖 **RÉU:** acusado



## ROTEIRO DE LEITURA

- 1) De qual animal do País das Maravilhas você mais gostou? Por quê?
- 2) Você tem animais em casa? Que animais? Como é que você cuida dele(s) todos os dias?
- 3) Você sabia que muitos animais, principalmente cães, gatos e cavalos, são abandonados na sua cidade todos os dias? Por que você acha que as pessoas fazem isso? Você acha que elas são cruéis como a Rainha de Copas?
- 4) Você sabia que abandono de animais é crime previsto em lei? Procure descobrir alguma ONG (Organização Não Governamental) de proteção animal na sua cidade ou estado e descubra o que pode ser feito para acabar com essa crueldade e como os criminosos podem ser punidos.
- 5) Você considera Alice uma pessoa corajosa? Justifique sua resposta com passagens do próprio texto.
- 6) Em algum momento durante a leitura você desconfiou de que o País das Maravilhas era, na verdade, parte de um sonho de Alice? Se sim, em que momento?
- 7) O livro *Alice no País das Maravilhas* contém alguns elementos de um gênero literário chamado “fantástico”. Outro livro da Coleção Aventuras Grandiosas (série 4) chamado *A Volta do Parafuso* também tem traços do “fantástico”. Leia esse livro e faça uma comparação dos dois. Procure prestar atenção na reação das duas personagens principais às coisas sobrenaturais nos dois livros. Você enxerga alguma semelhança?
- 8) O que você achou de o Chapeleiro dizer que “brigou com o Tempo”? Você já brigou com o Tempo alguma vez?
- 9) No livro, Alice fica horrorizada com alguns personagens violentos. Quem são esses personagens? Ela faz alguma coisa para salvar as vítimas da violência?
- 10) Escolha uma passagem do texto e ensaie uma pequena peça de teatro junto com seus colegas. Depois apresente-a para a classe.
- 11) Você já ouviu falar em comidas e bebidas que fazem crescer e/ou encolher? Você acha que a mente de Alice estava pensando em alguma comida ou bebida específica enquanto sonhava? Lembre-se de que Alice é uma criança e que os pais vivem dizendo aos filhos para comerem ou beberem determinada coisa para crescerem fortes e saudáveis.



- 12) Que tipo de comida você gosta de comer? De quais você não gosta? Pesquise, na cantina da sua escola, quais alimentos saudáveis há para vender.
- 13) O que você faria se crescesse acima das árvores? E se diminuísse ao tamanho de oito centímetros? Escreva uma redação sobre isso.
- 14) Por que você acha que a Tartaruga era chamada de “Falsa Tartaruga”? Discuta com seus colegas em grupos e apresente sua resposta.
- 15) A Tartaruga brincava de Dança das Lagostas no recreio. E você, o que costuma fazer no recreio?
- 16) Alice estava muito confusa no País das Maravilhas, tanto que não sabia direito quem era. Segundo o que disse à Lagarta Azul, isso estava acontecendo porque estava passando por muitas transformações e que ela também se sentiria confusa quando tivesse de virar borboleta. Pesquise, junto com seu(sua) professor(a) de Ciências, como ocorre a transformação da lagarta em borboleta.
- 17) Sobre o que você costuma sonhar? Você sempre se lembra dos seus sonhos quando acorda? Tente lembrar-se de um deles e escreva uma redação contando como foi. Vale inventar coisas também, mesmo que elas não tenham feito parte do sonho.
- 18) Alice estava com muita vontade de entrar no jardim da Rainha. Você gosta de jardins e parques? E de jardinagem, você gosta? Plante uma árvore ou flor em um vasinho e acompanhe o seu crescimento. Dê água e adubo a ela. Quando ela estiver maior, transplante-a para um local bonito, como um jardim ou um parque.
- 19) De que parte do livro você mais gostou? De que parte você gostou menos? Justifique suas respostas.
- 20) Você acha que, como deseja a irmã de Alice, ela vai conseguir manter a inocência de seu sonho quando for adulta? Justifique sua resposta.



# ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Lewis Carroll

## BIOGRAFIA DA AUTOR

Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo seu apelido Lewis Carroll, nasceu em Daresbury, na Inglaterra, no dia 27 de janeiro de 1832. Seu pai, um pastor protestante, deu ao filho uma educação anglicana, pretendendo que o filho seguisse uma carreira religiosa, mas o jovem Charles foi estudar Matemática em Oxford, universidade onde lecionou até 1881.

Os primeiros livros escritos pelo professor Charles Dodgson eram técnicos, voltados para a área de ciências exatas e abordavam assuntos como lógica, geometria e álgebra. Em Oxford, Charles ficou amigo de Henry Liddell, pai de Lorina, Edite e Alice, a garota que serviu de inspiração para este livro.

Como o nome Charles Dodgson era relativamente conhecido no meio acadêmico, Charles optou por usar o pseudônimo Lewis Carroll em seus trabalhos literários, separando, assim, a ciência da arte.

Charles Dodgson também foi fotógrafo, especializado em retratar pessoas famosas e crianças de 8 a 12 anos de idade. Em suas fotos, Charles procurava uma beleza inocente como a que Adão e Eva teriam tido no Paraíso.

Em sua carreira literária, Lewis Carroll produziu poemas, contos e romances. Seu estilo influenciou a literatura infantil e até mesmo autores adultos como James Joyce e Luis Carlos Borges. *Alice no País da Maravilhas* foi originalmente publicado em 4 de julho de 1865. No entanto, essa primeira edição de 2000 exemplares foi posta de lado devido a problemas na qualidade da impressão. Em dezembro do mesmo ano, uma nova edição foi lançada, com a data de 1886, tornando-se em pouco tempo um sucesso editorial que até hoje não parou de ser impresso.

Existem traduções de *Alice no País da Maravilhas* para mais de 50 idiomas, incluindo o Esperanto, além de centenas de adaptações para outras mídias, como teatro e cinema. Em 1872, Lewis Carroll escreveu duas sequências para a história de Alice: *Através do Espelho* e *O que Alice Encontrou Lá*. Em 1898, Lewis Carroll morreu na cidade de Guildford.

